

RUY CINATTI

n. 8.3.1915, Londres — m. 12.10.1986, Lisboa

Este primeiro volume da *Obra Poética* reúne os livros de poemas
publicados em vida do autor.

A edição foi organizada, revista e anotada por
Luis Manuel Gaspar, com a colaboração de Joana Matos Frias e Peter Stilwell.

AGRADECIMENTOS

José Tolentino Mendonça, Vasco Rosa, António Barahona, Manuel de Freitas,
Manuel Cintra, Luís Amaro, Maria Filipe Ramos Rosa, Ana Barata



Ruy Cinatti

OBRA POÉTICA

I

prefácio de
Joana Matos Frias

ASSÍRIO & ALVIM

EU SOU POETA E SEI O QUE DIGO

Que sou poeta já ninguém o nega.

RUY CINATTI, *Corpo-Alma* (1994)

Nem sempre foi assim, e por isso precisou de o afirmar: «Que sou poeta já ninguém o nega». Ruy Cinatti (1915-1986) é o exemplo desconcertante de um poeta que, apesar de ter defendido com frequência que «Uma pessoa nasce poeta» ou que «Para se ser poeta é preciso nascer-se poeta» — de acordo com o que sintetizou no poema inédito «Para se ser poeta é preciso ser-se simples», divulgado por Peter Stilwell no seu estudo *A Condição Humana em Ruy Cinatti* (Lisboa, Presença, 1995) —, viu essa sua condição de facto negada por alguns e por bastante tempo, como viria a denunciar nos versos do não por acaso intitulado «Condição Poética», do livro *O Tédio Recompensado* (1968), que imediatamente se segue a «Condição Humana»:

Farto de ti estou eu. Dizem que sim
de ti, ó poesia!
Andamos sempre juntos. Acordamos juntos
na mesma cama.
Compusemos canções, fizemos filhos.
Enxotados pelos cães, pelo orvalho,
regressámos à terra prometida.
[...]

Cinco ordens de razões parecem ter determinado as reservas (ou preconceitos) que a obra poética de Cinatti começou por suscitar em certos espíritos menos agudos e no discurso crítico respectivo, reservas essas que a História se foi encarregando de anular e de rever: i) o exílio crónico do escritor, que, nascido em Londres em 1915, desde cedo se distanciou física,

emocional e literariamente de Portugal, tendo acabado por morrer também «no exílio em Lisboa em 1986», na expressiva apreciação do seu amigo José Cutileiro («tão vagabundo eu fui», lê-se logo no primeiro verso do primeiro livro de poesia, num prenúncio desta marginalidade radical); ii) uma conseqüente independência ético-estética absoluta, mesmo quando manteve laços com determinadas publicações periódicas ou grupos de escritores específicos¹; iii) uma quase total distanciação de qualquer poética do fingimento e um progressivo equacionamento da poesia como espaço de autenticidade e de intervenção ético-política, com implicações desconfortáveis para determinados leitores muito ciosos da inutilidade da (sua) arte; iv) um entendimento irreverente e pouco ortodoxo da manifestação literária do catolicismo, mais humano e terreno do que divino e celestial, bem patente na declaração «*Nós não somos deste mundo, mas é no mundo que eu vivo*»²; v) a prática de uma expressão poética anti-lírica e imprevisível na sua poeticidade, assumidamente afastada de equilíbrios e de harmonias confortavelmente compostos para ouvidos preguiçosos.

Procuraremos aqui debruçar-nos brevemente sobre cada um destes aspectos, de modo a poder compreender-se a importância fulcral da reedição desta Obra Poética para o panorama da Poesia Portuguesa contemporânea, importância de resto já bem constatada por poetas

¹ No Prefácio à *Obra Poética* de Cinatti editada em 1992, Fernando Pinto do Amaral fez já referência às razões «não exactamente literária[s]» da recepção crítica «por vezes não muito entusiástica» do Autor, acentuando a «marginalidade» que, em vários domínios, Cinatti terá cultivado e intensificado ao longo da sua vida e da sua obra.

² Como notou Jorge de Sena logo em 1952: «Um dos maiores equívocos teceu-se à volta do sincero e culto catolicismo do poeta, que tornou a sua poesia suspeita aos olhos de todos os livre-pensadores de capelista, tendo-se chegado ao ridículo de interpretar-se como revelador de intuítos de “evasão” o título do seu primeiro livro *Nós não Somos deste Mundo*, sem atentar-se que era meia frase da belíssima prosa poética de abertura, e como se os ditos capelísticos e seus sócios quisessem, em contrapartida, ser *deste* mesmo mundo. Por outro lado, só muito pouco ou nada, na poesia de Ruy Cinatti, poderia ser identificado com as flores de uma literatura que, a fiarmo-nos nos panegiristas responsáveis, se confina gloriosamente entre Antero de Figueiredo e Nuno de Montemor, com algumas estações nas horas vagas de reverendos líricos; e estou em crer que, se a confissão do poeta não fosse conhecida, nem uns nem outros jamais a teriam descoberto nos seus versos, dado que estes se desenvolvem alheios a quanto seja matéria de dogma ou ponto de fé, e entregues à consciencialização fenomenológica das emoções provocadas pela reflexão acerca do contraste entre a melancolia inerente a certo número de imagens e conceitos obsessivamente aceites pelo poeta e o fluir do mundo e da vida, com cujas formas o mesmo poeta se encanta. [...] valeria a pena parafrasear o dito de Mauriac acerca de si próprio e escrever: Cinatti não é um poeta católico, mas um católico que escreve poemas» (*Árvore*, n.º 2, Lisboa, Inverno de 1951-52, p. 175).

como Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen ou Ruy Belo, autores para quem Cinatti, nas palavras de Sophia, foi «um mestre» ou «um catalisador»: «O que tornava Ruy Cinatti uma pessoa à parte», registou a autora de *Coral* num testemunho em memória do amigo por altura da sua morte, «era o facto de nele a presença da pessoa ser da mesma natureza do poema que escrevia».

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes nasceu no 202. Não no inexistente 202 queirosiano dos Campos Elísios, casa de Jacinto, mas no 202 real de Gloucester Terrace, em Londres. Em todo o caso, tal como Jacinto, no 202, e a este nascimento a vários títulos simbólico, dado que nasceu em Março de 1915, altura em que estava no prelo o primeiro número do *Orpheu*, não é decerto alheio o problema da habitação com que viria a debater-se toda a vida, e que exprimiu num poema que, no rasto do amigo Ruy Belo, intitulou «O Problema da Habitação»: «passeio a minha casa / como leão na jaula» (*O Tédio Recompensado*). Belo havia justamente dedicado «ao nómada amigo do Ruy Cinatti», em 1962, o seu livro *O Problema da Habitação — Alguns Aspectos*, numa referência explícita ao título do terceiro e muito decisivo volume de poesia de Cinatti, *O Livro do Nómada Meu Amigo*, de 1958, que Jorge de Sena logo destacou, sublinhando que a obra assegurava ao seu autor «um dos mais altos lugares na poesia contemporânea» (*Líricas Portuguesas*, 3.^a série, Lisboa, Edições 70, 1984, vol. I, p. 208). Com aquela dedicatória, o autor de *País Possível* reforçou ainda um fascínio pela obra e a figura do poeta mais velho que exprimira em 1959, ainda antes da sua própria estreia poética, ao publicar no n.º 33 da revista *Rumo* o ensaio «Apontamentos sobre o Nomadismo de Ruy Cinatti». Aí, Belo declarava sem reservas que talvez não houvesse «poeta vivo em Portugal que vá buscar tão fundo a poesia como Ruy Cinatti», qualidade que, no seu entender, se manifestaria numa clara «exigência de decantação formal» e em «particulares deveres de fidelidade em relação a um sentido último da vida», procurando assim resgatar o nomadismo de Cinatti de ser entrevisto como «uma simples inquietação temperamental que o leva a estar hoje em Timor e amanhã em Oxford».

Ainda assim, parece ser inegável que o problema da habitação de Ruy Cinatti, antes de ser gráfico, foi de facto biográfico, pois terá nas-

AMANHÃ É OUTRO DIA

Andamos à deriva como num pranto de morto
ungido por mãos amigas, renovado
pela saudade e pelo tacto
físico, pela dor nata,
palavrório e facto
que entanto ferem como ortiga
oculta e cardo.

Então é ver como acorrem,
pressurosos, os benquistos
presentes sempre ao festim
da morte, por devoção.

Mas há que tomar destino,
morder o pó respirado,
cegar com amor, com ódio,
a comum face dos vivos.

ESCOLHA

A noite, a minha vida adormecida,
o grão-silêncio, o grão minha semente
adormecida, grão
com bacalhau, o pão, azeite e vinho...
O bacalhau sugere-me a insígnia
do capitão,
do grumete ou cão
da Terra Nova,
com felpa, botas e touca
de borracha
e um cheiro a sal e a fígado
oleificado.
Outros ingredientes cujo nome sei,
mas não lembro, grão,
semente oculta,
noite que tudo nos oferece,
nada me dá, mas aquece
o que em mim está, o que vive
nela semente, dente,
o ser vivo, esse, esse
irredutível, morte e minha glória.
A noite adormece, pacífica.
A semente vivifica, intromete-se
nos minerais, no ar, na luz visível
violenta
do sol que contamina. Da virulenta
mistura violação real catástrofe,
o que não sei
dignifica-me. Por quem eu luto

A LUZ VERDE

Para Ruy Belo

O que os meus olhos vêem é um enigma.
O que os meus olhos olham passa a passo.
Mais do que exactos são uns olhos verdes,
vagueando em florestas submarinas.
Mais do que nenhuns são preciosos
e eu não quero perdê-los, ó deuses!
Percam-se os olhos, os meus, o ver, o olhar,
mas nunca a luz verde de alguns olhos...

ÍNDICE

PREFÁCIO, <i>por Joana Matos Frias</i>	7
OSSOBÓ — HISTÓRIA DE UM PÁSSARO DAS ILHAS DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE	31
NÓS NÃO SOMOS DESTE MUNDO Nós não Somos deste Mundo	45
I	
1. <i>Tão vagabundo eu fui</i>	55
2. <i>Ruge a tempestade</i>	56
3. <i>Não digas nada, amigo</i> ,	57
4. <i>Eu vou e venho</i> ,	58
5. <i>Indeciso, venho</i> ,	59
6. <i>Matinalmente, como se fora cantando</i> ,	60
7. <i>Não mais</i>	61
8. <i>Por esta rua fora</i>	62
9. <i>Quem pode impedir a primavera</i>	63
II	
1. <i>Frescura de manhã de Março</i> ,	67
2. <i>Deus!</i>	68
3. <i>Alegria</i> —	69
4. <i>Ao longo dos campos</i>	71
5. <i>Mar! levanta-te</i>	73
6. <i>Lentamente, ao bater dos remos, vão os barcos</i>	74
7. <i>Quando a noite desceu sobre as montanhas</i>	75
8. <i>Água peregrina</i> ,	76
9. <i>Abri minha janela ao vento norte</i>	77
10. <i>Teus olhos, Honorine, cruzaram Oceanos</i> ,	78
11. <i>Cala-te, poeta!, e deixa-me viver</i>	79

De NOVO SALMO 118	
Ayin	1283
Tau.....	1285
De FOLHAS DOS SANTOS	
Santa Padroeira	1289
Proclamação	1290
Símbolos.....	1291
Ludwig van Beethoven	1292
A Visita	1294
Prenúncio	1295
Singularidade	1296
Agradecimento	1297
Os pela Segunda Vez Nascidos	1298
MANHÃ IMENSA	
«MON CŒUR MIS A NU»	
Excerto de uma carta-meditação para uma amizade ausente na qual se insere o poema que lhe deu motivo: «Mon Cœur Mis a Nu»	1305
A VERDADE ALHEIA	
A Verdade Alheia, poema que inclui por necessidade o poema «À Memória de António Nobre e de Cesário Verde», já publicado em <i>Memória Descritiva</i> , o todo dedicado a Joaquim de Almeida Gomes, médico que foi em Timor, agora em Angola ou algures	1319
ANTE-MANHÃ — 1967	
Ante-Manhã — Janeiro 1967	1335
O SIGNO MARCADO	
O Signo Marcado	1343
<i>Cronologia</i>	1355
<i>Obras de Ruy Cinatti</i>	1361
<i>Notas e Variantes</i>	1365